

---

## Entrevista

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.48669>

### **Memórias e reflexões de um historiador: Giovanni Levi e os caminhos da micro-história. Entrevista com Giovanni Levi<sup>1</sup>**

**Memories and reflections of a historian: Giovanni Levi and the paths of microhistory.  
Interview with Giovanni Levi**

*Recuerdos y reflexiones de un historiador: Giovanni Levi y los caminos de la microhistoria. Entrevista con Giovanni Levi*

*Maíra Vendrame<sup>2</sup>*

<https://orcid.org/0000-0001-5658-076X>

*Mônica Ribeiro de Oliveira<sup>3</sup>*

<https://orcid.org/0000-0001-7168-7653>

#### **Como citar esta entrevista:**

Vendrame, Maíra; Oliveira, Mônica Ribeiro de. “Memórias e reflexões de um historiador: Giovanni Levi e os caminhos da micro-história. Entrevista com Giovanni Levi”. *Locus: Revista de História*, 31, n. 1 (2025): 9-27.

\*\*\*

- **Mônica Ribeiro de Oliveira: Giovanni, é um prazer tê-lo aqui conosco. Nós planejamos esta entrevista para tentar absorver da sua trajetória, algo que ainda não**

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 25 de setembro de 2024, quando da visita de Giovanni Levi à Universidade Federal de Juiz de Fora. Tradução e revisão de: Maíra Inês Vendrame; Mônica Ribeiro de Oliveira; Rita de Cássia Lara Couto; Yobani Maikel Gonzales Jauregui.

<sup>2</sup> Professora na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Pesquisadora Produtividade CNPq. Áreas de atuação: História da imigração e colonização europeia no Brasil, Sociedades camponesas, Práticas de justiça, Estudos de trajetória e Micro-história.

<sup>3</sup> Professora titular de História do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-graduação em História da UFJF. Pesquisador da Fapemig. Áreas de atuação: história de família, sociedades agrárias dos séculos XVIII ao XX, micro-história e humanidades digitais.

**tenha sido tocado em outras entrevistas que você deu aqui no Brasil e no exterior. Gostaríamos de começar do início, do jovem Giovanni Levi. O seu percurso, como foi para se tornar o historiador que você é hoje? Quando ele começa?**

Bom, antes de tudo, devo dizer isto: quando se fala de um percurso total, geral, há muitas vidas, muitas pessoas. Não é uma única pessoa, porque cada período implica um aspecto caracterizante diferente. Eu não sou a criança dos meus primeiros seis anos, mas tenho lembranças dos meus primeiros seis anos.

Dito isso, hoje tenho 86 anos, um pouco menos, mas prefiro me dar ao luxo de dizer que tenho 86; na realidade, tenho 85 e meio. E 86 anos implicam uma modificação progressiva da vida e também das lembranças, da organização das lembranças. Nasci em 1939, em abril, no dia 29; por um triz poderia ter nascido em maio, mas nasci em abril, e em abril praticamente começava a Segunda Guerra Mundial.

O que mais havia era a perseguição fascista na Itália. Por exemplo, os judeus não podiam ter seus filhos em hospitais públicos, não tinham a possibilidade de ter suas casas, seus quartos etc. Por isso nasci em Milão, porque em Milão estavam os pais da minha mãe.

Depois de 15 dias em Milão, voltamos para Ivrea (Turim). Em Ivrea, meu pai era o diretor técnico da Olivetti, que é uma fábrica famosa, e também o inventor da primeira máquina de cálculo da Olivetti, que se chamava Divisumma. Mas, em 1943, chegaram os nazistas e os republicanos, os fascistas do Estado-fantoche de Mussolini, e meu pai entrou para a Resistência. Minha mãe, com seus três filhos, fugiu para vários lugares até encontrar um local que pudesse ser considerado seguro, dentro do possível.

Éramos três irmãos: meu irmão mais velho nasceu em 1937, e meu irmão mais novo em 1942. Eu, nascido em 1939, era o do meio. Agora, ao contar minha história, percebo que esses primeiros seis, sete anos foram os mais divertidos de toda a minha vida.

Minha alma irônica e alegre deriva desses seis anos – anos horríveis, repletos de mortos, de assassinos de vários tipos, de guerra, de armas, de perigos. Antes de tudo, o período mais perigoso foi de 1943 a 1945. Antes de 1943, nós vivíamos em Ivrea, e meu pai era diretor técnico da Olivetti. Mas a Olivetti era, de fato, um lugar cheio de antifascistas.

Meu pai já havia sido preso em 1934 e 1935, duas vezes, como militante antifascista. Ele fazia parte de um grupo chamado Justiça e Liberdade, cujos líderes eram os irmãos Rosselli. Eles estavam na guerra da Espanha contra Franco, mas Carlo, o mais velho, foi ferido em Guadalajara, se não me engano, e, enquanto se recuperava na França, Mussolini mandou que fossem capturados pela La Cagoule, um movimento fascista financiado por ele. Esses dois líderes do movimento do

meu pai se chamavam Carlo e Nello, e o restante do movimento era conhecido como Justiça e Liberdade, tendo como chefes os irmãos Rosselli.

Meu nome deriva disso. Chamo-me Giovanni Levi, em italiano Giustizia e Libertà, e o meu nome completo é Giovanni Carlo Nello, em homenagem aos dois que foram assassinados pelos fascistas em 1937. Isso também é algo que determinou minha vida.

Eu jamais pensei em ser fascista, sempre pensei em ser de esquerda etc., mas, com três anos, eu era ingênuo, não sabia nada, não tinha nenhuma experiência anterior. Por isso, todas as coisas estranhas que vivi eram normais para mim. E, em 1939, quando nasci, meu nome mudou; eu não me chamava Giovanni Levi, mas sim Giovanni Cardone, que era o nome do camponês que cuidava de nossas pequenas propriedades agrícolas na Ligúria [região noroeste da Itália].

Durante toda a guerra, eu me chamava Giovanni Cardone. E, quando os nazistas e os republicanos chegaram à Ivrea, fugimos imediatamente, primeiro para Aosta. Não, para o Vale de Aosta [região noroeste da Itália], em um pequeno vilarejo nas montanhas dos Alpes, e depois para Stresa [município da região do Piemonte], no Lago Maggiore. E, no final, para um lugar onde todos os jovens eram partisans, lutavam, e toda a população estava muito favorável à nossa presença. Nunca disseram que éramos judeus etc., apesar de que, muito frequentemente, havia operações de busca. Os nazistas e os fascistas vinham e procuravam os jovens do vilarejo, que não existiam.

E uma das primeiras coisas que vi, como espetáculo, foi que queimavam as casas. Havia uma lista com os nomes dos jovens, todos militantes partisans, e queimavam as casas deles. Todos podiam ver as casas sendo queimadas, mas parecia tudo natural para as crianças, embora não para minha mãe, nem para meu pai. Mas meu pai estava como combatente, depois se mudou para Turim, clandestinamente, para ser o responsável econômico do Comitê de Libertação Nacional.

Até aquele momento, tudo era, para mim, normal. Mataram o padre do local porque ele tocava o sino para avisar que os nazistas estavam chegando; atiraram em sua cabeça, e ele morreu. Tudo isso era absolutamente normal para mim.

Fim da primeira parte, que contém um julgamento historiográfico. Esse primeiro período, para mim, tem muitos significados. Certo, eu não era Giovanni Levi antes de 1945. Mas é um período determinante, porque me ensinou que até mesmo um historiador deve entender que ser irresponsável, considerar normal o que é anormal, é algo característico da primeira infância, quando você ainda não tem nenhuma referência anterior. Você precisa construir uma visão da realidade com base no que imagina ser real. E a realidade é assim.

Dois exemplos breves. O primeiro é um táxi em Bogotá. Em um táxi em Bogotá, comecei a discutir com o motorista porque ele tinha “El Tiempo”, o único jornal de Bogotá que existia. Mortes contínuas, assassinatos etc. E eu dizia: “É possível viver em um lugar onde podem cortar

sua garganta a qualquer momento?" Ele respondia: "Sim, é normal, é a vida normal. Também na Itália é assim, não?" Mas na Itália não era assim. Como se pode dizer? A realidade pode produzir imagens falsas, talvez, mas que determinam a normalidade, que criam a normalidade. Esse é o primeiro exemplo dessa ideia.

O segundo exemplo são as crianças que hoje se salvam atravessando o Mediterrâneo para chegar à Europa, mas também os filhos que se salvam presenciando uma quantidade de mortos no México para, talvez, chegar aos Estados Unidos. Se você as observa na televisão, vê crianças rindo, brincando etc., porque para elas isso parece normal – a tragédia é normal.

Acho que isso é importante para os historiadores, para que entendam que a realidade é diferente, por assim dizer, da verdade. É algo que depende da sua formação. Com o tempo, você reconstruirá essas coisas, mas de uma forma diferente.

Um último episódio, ou dois, que posso contar sobre isso – mas talvez seja longo demais. Duas coisas: uma é que, ao sairmos de Ivrea, onde ficava a fábrica Olivetti, onde meu pai trabalhava, no dia em que os alemães entraram na Itália, fugimos para o Vale de Aosta, a um pequeno vilarejo. Minha mãe havia encontrado um apartamento em uma casa, era setembro, ainda fazia calor, e minha mãe, com a janela aberta, estava desfazendo as malas.

E meu irmão mais velho, que nunca mencionei até agora e que sempre diz a verdade, estava conversando com a dona da casa. Ela lhe disse: "Vocês não se chamam Clevi-Clevi", porque todos os documentos que tínhamos haviam sido alterados de forma descuidada, com um "C" – não Levi, mas Clevi. Então, meu irmão, que nunca mente, foi ouvido por minha mãe dizendo: "Clevi-Clevi não, mas quase." Nesse momento, minha mãe fechou as malas e partimos rapidamente.

Passamos um mês na casa da mãe de um funcionário do meu pai, no Lago Maggiore. Todos ali estavam aterrorizados, porque não tínhamos documentos falsos, mas eles eram necessários até mesmo para conseguir comida, e a polícia estava sempre à procura de pessoas.

Depois de um mês, a Olivetti havia organizado um sistema de produção de documentos falsos e, no fim, eu passei a me chamar Giovanni Cardone, assim como toda a minha família. Também tínhamos a caderneta de racionamento, que determinava a quantidade de pão que podíamos comprar por dia etc. Era falsa, mas funcionava, e nos permitiu sobreviver – mal, é verdade, mas, para mim, aquele lugar era maravilhoso.

Última coisa. Sentado no pátio da casa onde vivíamos, nesse pequeno lugar chamado Torrazzo (província de Biella, Piemonte), enquanto brincava, encontrei uma medalha de Napoleão no chão. Era uma medalha que datava da morte de Napoleão, em 5 de maio de 1821. A medalha dizia – e eu ainda a tenho: "aos seus companheiros de armas, suas últimas lembranças, o imperador". E acredito que isso é, também, algo que determinou minha vida posterior. Existe algo

---

de clandestino, de militares que eram napoleônicos clandestinos após a morte de Napoleão, em um pequeno lugar dos Alpes italianos, onde havia alguém que poderia ser considerado um militante revolucionário.

- **Mônica Ribeiro de Oliveira: Depois, para você se tornar um jovem estudante, a sua formação, como foi? Em que momento esta realidade se modifica?**

A realidade é complicada, mas, sobre isso, serei rápido. Digo, meu pai perdeu o emprego porque, durante a resistência, havia sido substituído por outro. E ele reivindicou sua posição. E a Olivetti disse: encontramos um emprego para você, mas não o de diretor técnico. Então, ele pediu demissão e fomos morar em Gênova. Gênova era o grande centro da siderurgia italiana pública. Meu pai trabalhou vários anos lá e a família chegou a Gênova em 1952.

Primeiro, em 1952, os primeiros sete anos da minha vida escolar foram na escola judaica. Minha família era uma família totalmente laica, totalmente ateia, mas, em 1945, meu pai explicou a nós, os três irmãos, que queria demonstrar que ainda existiam crianças judias e nos enviou para essa escola judaica de Turim. Fiquei sete anos na escola judaica.

Não aprendi nada sobre o judaísmo, aprendi a ler, a escrever etc. Mas era o último da classe em relação à língua judaica e à religião, porque não me interessava. E o que mais temia era um rabino, que havia sido muito fascista no período de Mussolini, que fazia investigações sobre as pessoas, sobre as crianças, para saber se na família faziam as férias corretamente etc. Ele nos ensinou o alfabeto e depois pediu para que alguns de nós lessem. E eu era a primeira vez que via a língua hebraica. Comecei a ler, sabia que a oração mais importante era o Shemá, uma oração que os judeus devem dizer todos os dias.

E eu nunca a rezava, em casa não se fazia essa oração, mas eu sabia as letras e comecei a ler Shemá, Israel, e depois vinha Adonai. Adonai não se pode ler, porque é o nome de Deus. O nome de Deus não pode ser citado. E, agora, se diz Adonai, não o nome de Deus. Escreve-se Joshua e se lê Adonai. Agora, o rabino, quando eu lia as letras, comecei a dizer Yehovah ali e ele disse: “Você não pode nomear Deus, Deus não se nomeia, deve dizer Adonai. A partir de agora, dado que em sua família ninguém te ensinou o Shemá, você deve saber, nunca ler nem estudar a língua hebraica. Você sempre terá dez, mas sem nunca ler”.

E assim passei como o primeiro da classe, como um judeu, mas sem saber uma palavra em hebraico. Essa é a história. Bem, quando terminei tudo isso, depois de sete anos de escola, fui para o ginásio. Entrei no ginásio, e, depois de poucos meses, me mudei de Turim para Gênova. Por que Turim? Depois da guerra, fomos para Turim porque nossa casa havia sido destruída pelos bombardeios.

Assim, fizemos uma reunião de toda a família em um único quarto, o quarto de Primo Levi, porque pensávamos que ele havia sido morto em Auschwitz. Vivemos por alguns meses no quarto de Primo, nosso primo. Ele se chamava Primo, mas também era nosso primo. E depois, quando ele chegou, um dia, nos mudamos para outra casa onde um primo tinha morrido. E, no final, nossa casa foi parcialmente restaurada e moramos em Turim. Quando entrei no ginásio, meu pai já havia ido para Gênova e toda a família se mudou para lá.

E de 1952 a 1957 fiz o ensino médio em Gênova, a cidade que mais adoro, é uma cidade maravilhosa. E eu era quase o último da classe, porque não frequentava a escola, ficava passeando, mas ia à biblioteca, principalmente. No segundo ano do ensino médio, minha mãe teve que conversar com os professores e perguntou: “Como vai meu filho?”. Eles disseram: “Não sabemos, porque nunca o vimos”. Era o meu espírito subversivo. Passava as manhãs na biblioteca, uma biblioteca que eu gosto muito, porque tenho um senso de responsabilidade, pois, durante uma manifestação política em 1960, joguei uma pedra contra a polícia, mas eu não havia calculado que a pedra fosse cair assim, e quebrou a lâmpada na entrada da biblioteca. E nunca me perdoei por isso.

Bem, voltamos a 1958. A política, naqueles anos, era muito importante para todos. Eu, por exemplo, posso contar dois episódios.

Um episódio é que, quando em 1956 houve na Hungria a revolta, o presidente da escola secundária disse: “Vamos protestar contra a União Soviética”, e eu e outros cinco ocupamos o Liceu, dizendo a favor ou contra, não cabe ao presidente decidir nossa atividade. Agora, o chefe genovês do Partido Comunista fez uma reunião e nos convidou. O chefe do Partido Comunista disse: “Vocês devem se inscrever no Partido Comunista, porque devem ser os melhores, um bom jovem comunista é o primeiro da classe”. Nós seis éramos os últimos da classe, então saímos e nunca fomos comunistas de fato.

A segunda experiência interessante foi que fazíamos muita militância, houve batalhas muito ferozes nos liceus de Gênova, porque havia organizações juvenis fascistas e uma militância antifascista um tanto desordenada. Em uma ocasião, eu perdi essa orelha, apenas parcialmente, me arrancaram uma orelha. Fui para o hospital, chegou meu segundo irmão, que sempre brigava com os fascistas, e eu não, e ele disse: “Não se preocupe, eles queriam é bater em mim”. Isso foi para me consolar, mas não me consolou, porque eu estava com a orelha assim. Mas durante todo esse período, eu fiz várias coisas políticas.

Cito um evento fundamental. Quando a Democracia Cristã decidiu fortalecer ainda mais o governo em 1960 com a entrada do partido neofascista na maioria, houve grandes manifestações em toda a Itália, mas começaram em Gênova. Em Gênova, houve uma batalha de dois dias. Eu,

devido aos gases lacrimogêneos, tive tantos pontos vermelhos na pele, porque era julho, estávamos sem camisa, e fiquei com uma espécie de alergia pela batalha que durou dois dias. Nessa batalha não houve mortes, mas nos três dias seguintes ocorreram 14 mortos porque a polícia disparou contra a revolta. No entanto, o governo democrata-cristão caiu, especialmente por causa da batalha de Gênova. Ainda guardo como uma grande lembrança a ponta de plástico de uma bomba lacrimogênea. É uma relíquia fundamental da minha vida. Em 1958, eu, embora estivesse muitas vezes em Gênova, comecei a universidade em Turim.

Por que em Turim? Em Turim porque eu estava apaixonado por quem seria minha esposa. E meu pai dizia: “Por que em Turim? É como Gênova, só que custa mais para nós. Você tem uma universidade excelente em Gênova, por quê?”. No final, eu disse: “Escuta, pai, meu problema não é a universidade, é Luisa, minha futura esposa”. Agora meu pai disse “bem, vá para Turim”. E eu fiz a universidade de Turim.

Duas coisas caracterizam a cidade de Turim. Uma delas é que havia um governo democrata-cristão muito anticomunista. E isso fez com que os trabalhadores comunistas e socialistas fossem expulsos da FIAT, a grande fábrica de Turim. Fomos lá muitas vezes para distribuir panfletos, colocar cartazes e assim por diante. Em 1958, pela primeira vez, os trabalhadores reiniciaram os protestos sindicais. E isso teve várias consequências políticas, inclusive o fato de eu ter escolhido viver em Turim por amor e militância.

Em 1963, terminei a universidade e comecei a trabalhar, porque já estava casado em 1964. E precisava sustentar meu casamento e minha família. Então, fiz uma tese de graduação sobre história econômica. Pesquisei sobre Alberto De' Stefani, o primeiro-ministro fascista de Mussolini, que desempenhou um papel muito importante no fortalecimento do fascismo no governo. Entre 1922 e 1925, ele foi um dos representantes, mas era um monstro. Depois, foi ministro de Chiang Kai-Shek, do partido anti-Mao Tsé-Tung na China. Mas pouco depois, em 1925, Mussolini o dispensou. Mas ele era uma figura horrível.

Ele era muito alto, muito robusto. Na encyclopédia italiana está escrito “ele libertou o porto de Gênova da tirania dos vermelhos”. Ele era um personagem monstruoso. Eu o visitei, o entrevistei. Ele me mostrou a filha que havia nascido na China, mas não me deixou ver seus documentos. Minha tese não foi publicada. Aprendi muitas coisas. Depois disso, formado como economista, fui trabalhar em uma organização econômico-política das comunidades. Um especialista em economia social, se é que se pode dizer assim. Mas trabalhei apenas por um ano porque me ofereceram entrar para a universidade. E em 1965 e 1966 comecei minha atividade universitária. O estudo universitário foi extremamente importante para mim.

Eu não queria estudar antes. Tinha pensado em me inscrever em Letras para ter tempo para a militância. Mas depois me entusiasmei. Tive professores muito importantes, muito inteligentes. Franco Venturi, que havia sido especialista cultural na União Soviética. Ele era totalmente anticomunista.

Agora, eu tinha professores que hoje para mim são inimagináveis na universidade italiana. Havia um grande latinista chamado Rostani... Três grandes historiadores, Venturi, Cracco Rugini e Tabacco, de História Antiga, História Medieval e História Moderna. E, no final, também Aldo Garòsci, que não era um grande historiador, mas era um homem muito simpático, que era o orientador político do meu pai e que havia participado da Guerra Civil Espanhola. Era uma figura estranha porque tinha a mesma ideia que eu sobre a realidade.

Para ele, a realidade em que vivia era incompreensível e imaginava tudo como se fosse em 1945, embora já tivessem se passado dez anos. Ele foi uma figura muito importante, muito inteligente, mas me considerava excessivamente de esquerda. Em 1962, 1963 e 1964, fui três vezes para a prisão, por dois dias a cada vez. Ainda usava o argumento de que os estudantes não eram o inimigo número um, eram monstros estranhos que se rebelavam, mas imediatamente havia deputados que telefonavam e diziam: “Ah, ele é uma pessoa maravilhosa, deixem-no”.

Eu saí dois ou três dias depois da prisão e isso também foi uma boa experiência. Duas vezes foi por manifestações em frente à FIAT, outra vez foi por Cuba, porque havia o Consulado de Cuba em Gênova e muitos militantes de esquerda estavam lá na frente para ouvir as notícias e as palavras gravadas de Che e de Fidel.

Em 1958, fui secretário de uma grande seção socialista em Turim, cheia de velhos operários da Fiat. Havia velhos operários, bailarinas gordas, que dançavam antes do início do filme. O chefe dessa equipe de bailarinas e todas as bailarinas estavam inscritas na seção socialista. Agora, me tocava visitar essas senhoras que precisavam pagar a inscrição todo ano etc. Havia o terceiro grupo, que eram os empregados, os comerciantes do mercado de frutas e vegetais. Em 1964, houve a unificação do Partido Socialista e do Partido Social Democrático. Agora, eu deixei o Partido Socialista e a responsabilidade de secretário porque o Partido Social Democrático era um dos partidos que apoiava a democracia cristã, o governo do centro.

Agora, vamos começar de novo. A universidade era uma coisa muito diferente de como vocês imaginam. Era uma atividade de elite. Nem todos frequentavam a universidade. Não era uma quantidade enorme de pessoas como hoje. Era uma seleção, pode-se dizer. Era socialmente culpável, verdadeiramente.

Mas, dentro da universidade, especialmente os poucos que faziam história ou economia etc., organizavam-se em grupos. Os professores organizavam seminários. Não era como agora, em

que cada professor ensina 15 coisas diferentes. Eram muito curtos, 50, 60 horas em todo o ano. Mas existiam duas coisas fundamentais. Uma era a integração entre colegas, discutindo sobre nossa profissão como professores. A segunda era ir à biblioteca. Quando decidi ir para Turim, meu pai escreveu para dois de seus companheiros políticos, Venturi e Norberto Bobbio, um grande jurista, dizendo: “Meu filho diz que quer ir para Turim, mas isso não é suficiente. Não é a universidade que é importante, são as bibliotecas.” Gênova e Turim têm excelentes bibliotecas. (Na universidade) Era tudo diferente... tudo era organizado com aulas, mas também com seminários eletivos, aos quais nem todos os estudantes podiam assistir.

Acompanhei diversos seminários com vários companheiros e toda a nossa vida era organizada, por um lado, pela militância política, por outro, pelas leituras, discussões, conflitos etc. ligados a alguns dos principais professores, que eram grandes mestres... Venturi foi um grande historiador. Eu era um grande opositor de Venturi politicamente, mas ele era um símbolo da historiografia croata. Era uma historiografia baseada na história das ideias. Meus primeiros artigos na Rivista Storica Italiana, dirigida por Venturi, eram histórias de ideias. No campo econômico, mas histórias de ideias.

Depois, decidi que as ideias eram fugazes demais e busquei socializar minhas pesquisas. Mas tive colegas maravilhosos. Um dos mais extraordinários em minhas atividades, já como professor, foi Brandi, que era um grande mestre. Um mestre que nem sempre assumia o papel de mestre; estávamos no mesmo ambiente e discutíamos o tempo todo. Ele se transferiu de Gênova para Turim. Fomos juntos para a América, para Princeton etc. Venturi também era uma grande personalidade. Também Tabacco era um grande medievalista. Já Cracco Rugini era católico demais para o meu gosto. Mas também havia uma grande diversidade. Rostagni nos fez ler toda a obra de Virgílio, toda a de Horácio, toda a de Propério. Trabalhava-se seis meses para prestar o exame de latim, que durava dois meses. A filosofia: Abagnano e seus dois principais alunos, Pietro Rossi e Viano, formavam um grupo de pessoas que discutiam. Essa era, de fato, a principal educação que recebíamos.

Devo dizer que minha paixão pela micro-história nasceu depois de tudo isso, a partir da ideia de que a história das ideias não me interessava. As ideias precisam ter os pés no chão. E, ao visitar muitas vezes Eduardo Grendi, que era uma figura muito, muito complicada, porque... escrevia sempre de forma muito complexa. E não era uma pessoa aberta..., mas era muito capaz de ensinar as coisas. Não tinha muitos alunos, mas eu me considero muito seu aluno. Aprendi muitas coisas com Eduardo. Ele havia estudado na Inglaterra. Pode-se dizer que ele introduziu a antropologia na historiografia italiana. Essas são as coisas que aprendi com ele. Também era

militante de esquerda. Eu tinha uma paixão mais abrangente. Havia, então, algumas grandes personalidades externas. Por exemplo, Carlo Poni, um grande historiador de Bolonha.

Carlo Ginzburg eu convivi por 20 anos e depois, já mais velhos. Mas houve uma grande interrupção com Carlo. Quando ele estava em Turim, era a pessoa com quem eu mais discutia, depois ele se transferiu para a Normale di Pisa e, em seguida, para os Estados Unidos. Tivemos conflitos muito duros, porque ele tinha um caráter difícil. Hoje sou mais complicado do que ele, mas antes ele era complexo e eu fazia o papel do bom.

Bem, isso é suficiente, acho. Pode-se dizer... Em toda essa história, personagens fundamentais são os membros da minha família, que eram grandes intelectuais. Primo Levi, que morava perto de nós, era o diretor da fábrica da minha esposa. Minha esposa, Luisa, que é uma historiadora-antropóloga genial, realmente boa, embora tenha escrito um romance que não fez sucesso, mas que merecia ter feito sucesso. Assim, foi traduzido para o espanhol. E, ao mesmo tempo, meus filhos foram muito importantes para mim.

Eu tive dois filhos. Uma filha em 1966 e um filho em 1972. Quando penso na minha vida, sempre penso que, se existisse Deus, eu me apresentaria diante de Deus e Ele me perguntaria: “O que você fez na sua vida?”, eu diria: “Eu tive dois filhos maravilhosos”. Essa é a coisa que mais me apaixona.

Minha filha é uma grande revolucionária e ela diz que sou eu quem a obriga a ser uma grande revolucionária. E meu filho é um bom arquiteto e não revolucionário. Ele é uma pessoa de esquerda, mas não é apaixonado pela política. Minha filha é uma protagonista muito importante hoje na Espanha, mudou de nacionalidade e passou a ser catalã, mas não é uma separatista, e sim uma revolucionária espanhola. Isso também foi muito importante para mim, porque, como sabem, criar filhos é muito difícil. É uma profissão que ninguém sabe fazer bem. Por exemplo, minha filha me disse: “Eu não quero entrar na universidade, vou para Paris dançar, estudar mímica”. E passou quatro anos sem quase dar notícias, porque era uma rebelde desde o começo. Mas agora, para mim, ela é uma pessoa fundamental. Nos falamos toda semana, discutindo sobre o mundo e a realidade. Ela é muito simpática e bonita de ver. Meu filho também, ele mora em Veneza e, por isso, nunca o vejo, pois está tão perto e, ao mesmo tempo, tão distante. Se não, tomamos um café quando ele vem ao mercado perto de minha casa. Vejo mais minha filha espanhola do que meu filho.

- **Maíra Vendrame:** Giovanni, tens um neto que agora decidiu fazer história. O que pensa sobre essa escolha?

Sim, isso é uma tragédia. Meu neto é um grande leitor. Sempre me impressionou porque ele é alguém que lê continuamente e, além disso, joga futebol, tem muitos amigos etc. Mas chega à

minha casa e me pede livros inesperados. Por exemplo, a primeira vez que me perguntou: “Você tem, por acaso, Amiano Marcelino?”. Amiano Marcelino é um historiador romano tardio e ninguém lê Amiano Marcelino. Na semana passada, ele leu toda a obra de Joyce.

Joyce é difícil de ler, mas ele tem 18 anos e merece ler Joyce. É um leitor desenfreado. Tenho 45.000 volumes em minha casa e não quero ir à biblioteca, só se for realmente necessário. Porque, como sabem, fumar na biblioteca não é permitido. E eu gosto de fumar enquanto leio. Estando na biblioteca depois de duas ou três horas eu saio, também é difícil no arquivo. Mas no arquivo de Veneza há um acordo que facilita fumar por 5 ou 10 minutos. Mas não a Biblioteca Marciana, que é muito grande. Não se pode trabalhar sem fumar.

Dito isso, repito ao meu neto que a minha biblioteca, a qual não sei o que fazer quando chegar a morte, é dele. Digo a ele que pode fazer tudo o que quiser: você pode jogar fora os livros, comprar, vender, trocar etc. A cada dia que ele vem, umas duas vezes por mês, mais ou menos, e pega os livros, que desaparecem. Não sei o que ele faz com eles. Por exemplo, não tenho mais a Divina Comédia, porque ele pegou a parte do Inferno, e agora eu tenho a Divina Comédia que é só o Purgatório e o Paraíso, porque falta o Inferno. Preciso comprar o Inferno. Mas ele é uma pessoa muito notável. Muito simpático, muito bonito de ver. Ele se aproxima, se inclina sobre mim para me abraçar.

- **Maíra Vendrame: Gostaria que você voltasse aos anos de 1960 e falasse mais sobre sua relação com Edoardo Grendi. Qual você considera que seja o maior aprendizado que teve com ele?**

Grendi era uma pessoa de grande cultura e inteligência, mas escrevia muito mal. Havia um provérbio: “Se você fala e não entende, certamente é Grendi”. Ele me ensinou muitas coisas. Ele me ensinou que a cultura da história social inglesa, mas especialmente a antropologia social, era muito importante. Eu havia lido Thompson e toda a historiografia marxista, mas jamais os antropólogos. E Grendi fez uma antologia de estudos antropológicos pela Einaudi e eu não explorei nada dessa antologia.

Veja, a história não pode ser separada das outras ciências sociais. Hoje, chego à conclusão de que a história não deve ser separada da física, por exemplo. Que as ciências naturais também são incompletas e não generalizáveis, assim como as ciências históricas, que não buscam ser. Acredito nisso, mas também na ideia de ruminação de Grendi, que sempre refletia sobre essas coisas. Era uma pessoa difícil, pode-se dizer. Vinha de uma família rica, havia estudado com os jesuítas e era completamente laico... Mas é difícil descrever o que ele me ensinou. Me ensinou tudo e nada. É muito complicado saber o ponto exato. Provavelmente a antropologia, mas também

minha esposa, que trabalhou com Lévi-Strauss em Paris, e era historiadora. Com minha esposa, aprendi muitas coisas. Mas é um assunto muito delicado, que não quero contar.

- **Máira Vendrame: Você participou do Seminario Permanente di Storia Locale com Edoardo Grendi? O que pensa sobre a compreensão dele sobre história local?**

Isso foi algo muito importante em Gênova, quando ele ainda estava em Gênova. Porque há esse historiador local que é um personagem genial. Ele é um dos que inventaram a micro-história.

Em Gênova, foi criado em torno de Grendi, antes de ele vir para Turim, um grupo de jovens historiadores que escreviam coisas maravilhosas do ponto de vista micro-histórico. Por exemplo, Diego Moreno, um personagem muito importante, que escrevia estudando as tecnologias de gestão das florestas. Também a linguagem mudou, porque hoje não existe mais um especialista em um tipo de planta, ou em como cortá-la, etc. Está mais simplificado. Agora desaparecem características do trabalho nas florestas, Moreno escreveu um artigo maravilhoso sobre os caminhos dos pastores nas montanhas atrás de Gênova. Todo esse tipo de organização de significados etc. Visitar algo com Diego Moreno é uma aventura maravilhosa, porque há toda a história da humanidade vista do ponto mais baixo, mais cotidiano da humanidade. Havia Massimo Quaini, não simpático, mas muito inteligente. Não, devo dizer, Osvaldo Raggio, que pode ser o único aluno direto de Grendi de Gênova. Todos estão mortos, eu sou um sobrevivente.

- **Mônica Ribeiro de Oliveira: Giovanni, e na sua produção, não só dos artigos, mas de livros, como *Centro e Periferia* (Alameda, 2024), *Herança Imaterial* (Civilização Brasileira, 2000) e *História dos Jovens* (Companhia das Letras, 1996), como se deu esse processo de florescimento intelectual?**

Eu não sou capaz de escrever livros. A *Herança Imaterial* foi para mim um milagre, porque encontrei essa história... Era inexplicável, porque é uma história da estupidez, útil, mas da estupidez. Passei dois anos discutindo com meus alunos para tentarmos entender se valia a pena ocupar-se disso e qual o significado que tinha.

Estava convencido, em parte, na polêmica com o caso dos “Vermes” de Ginzburg, que dizia na primeira edição que a vida de Menocchio é o máximo da inteligência e da cultura popular. Não contente com essa definição, busquei algo importante, inteligente. Agora, inconscientemente, disse que todas as pessoas são importantes. Merecem o trabalho do historiador. Falar de todas as pessoas. Não se pode hierarquizar. A melhor ideia é escrever a história de Júlio César ou de

Napoleão? Não, devemos falar das pessoas que não deixaram muitos registros, devemos entender quantas coisas podem nos ensinar estas pessoas.

Agora, depois de tantas discussões com meus alunos, escrevi esse material e fui para Princeton e Nova York por pouco mais de um ano. Virou um livrinho pequeno. Meu maior livro orgânico. Porque é composto por tantos ensaios. Isso é como um sonho. Mas depois me convenci de que não tenho paciência para montar um livro. Prefiro fazer artigos, não por acaso, e buscar, se possível, artigos que tenham história.

Agora decidi, como o canto do cisne, como minha última ópera, tomar todas as coisas que escrevi sobre a vida de pessoas que pensam que a realidade é uma e que fracassam. A realidade não é a vida de todas as pessoas, certo? Mas eu, por uma razão inconsciente, pode-se dizer, não consciente, sempre escrevi histórias, quando faço biografias, biografias de fracassados.

De pessoas que começam com uma ideia e que não são capazes de perceber que é necessário voltar a um momento. Discuti um pouco com Máira sobre isso. É importante para a definição da realidade.

O que é a realidade? Cada um de nós vive realidades diferentes. Rita (Couto – doutoranda da UFJF, presente na entrevista) se ocupa de sapatos, por exemplo. Eu não, porque minha companheira atual não suporta os sapatos horríveis que eu uso etc. É uma guerra de sapatos. Mas cada um tem sua realidade. Essa realidade, no fim, é sempre ou quase sempre uma ilusão.

Nós pensamos, em certo ponto, em sempre melhorar. E nossa vida é assim, e em determinado momento acaba, e não teremos apagado a luz elétrica antes de morrer. Decidi não morrer pelos próximos quatro ou cinco anos. Esse é o meu plano. Porque quero fazer um livro sobre aqueles que não aproveitaram bem a realidade, que sonhavam com algo que não se realizou. E quero incluir “A Herança Imaterial” nele também. Penso em colocar sete micro-histórias que já escrevi. Duas ou três precisam ser revisadas. Meus primeiros sete anos de vida. Minha ideia era incluir a autobiografia do meu pai. Mas minha filha não concorda. Minha filha, para mim, é como uma religião. Não sei. Ela diz: “Não, porque o avô era tão tranquilo em relação ao mundo que sua vida foi um fracasso, um fracasso de uma forma que ele nem percebeu.” Essa é a questão sobre a qual tenho quatro ou cinco anos para refletir.

- **Mônica Ribeiro de Oliveira: Mas você registra sua vida pensando, por exemplo, nestes quatro ou cinco anos para frente?**

Meus primeiros anos de vida foram registrados. A responsável pela gravação foi uma de minhas alunas. Não sei se posso chamá-la de aluna, porque ela se dedica à história e à língua árabe. É professora de árabe e de árabe marroquino. Mas ela queria que eu fizesse uma autobiografia. E

---

eu lhe disse: “Não, não quero fazer uma autobiografia”. Posso escrever sobre meus primeiros seis anos de vida. E os registramos.

Mas ela queria deixá-los exatamente como eu os contei: de forma muito fragmentada. Esta versão que lhes contei agora é mais organizada, mais cronológica. A outra consiste em coisas que vão e vêm. E ela é favorável a esse desordenamento, essa incompletude etc. Mas eu prefiro uma autobiografia menos divertida, menos curiosa do que contando-a para vocês. Por isso, decidi narrá-la cronologicamente. Sim, Paula, essa garota, que está muito doente, não me perdoaria por uma montagem tão normal, tão cronológica. E talvez também nesta entrevista pudesse haver uma mistura, avançando e retrocedendo, para imaginar uma montagem específica.

- **Maíra Vendrame: Vamos conversar um pouco sobre o Brasil. Como você vê a repercussão da sua obra a partir da publicação de *Herança Imaterial*, nos anos 2000, suas viagens para cá e o sucesso da micro-história?**

O efeito da América Latina em mim são as árvores. Mudaram muito minha vida. Eu tenho, acho que você já viu, uma cesta assim, com todas as sementes que recolho na América Latina. Muitas delas estão plantadas, mas não tenho uma casa grande o suficiente... Digamos que, da América Latina, aprendi que o mundo é mais diverso do que eu imaginava.

Porque você chega no Brasil e diz... Eu imaginava tudo completamente diferente. As pessoas são diferentes, as árvores são diferentes, a natureza é diferente. E agora, acredito que a verdadeira influência foi a transformação da minha casa para uma floresta. Não tenho macacos, mas meu sonho seria ter macacos em casa. Exatamente isso, o choque da alteridade, o choque que você tem como adulto, que pensa que a América será diferente, mas quando chega, especialmente na América Latina, há um choque que é tanto, se você sobreviver, porque é total. Dizemos, então, “o mundo é diferente do que eu pensava”. A influência que eu digo, ou seja, a realidade de cada um de nós modifica com o tempo e é diferente da realidade. Esse é o efeito que a paixão tem tido.

Nunca escrevi um único artigo sobre a América Latina. Deveria... Trabalhei muito nos arquivos, por curiosidade, mas não queria ser um historiador latino-americano, da história latino-americana. Meu único artigo é sobre Artigas<sup>4</sup>. Por que é maravilhoso? Porque eu não entendi nada. Ele é um dos sete personagens que eu quero publicar. Ele não queria criar o Uruguai... E agora é considerado o herói nacional do Uruguai. Mas ele foi colocado na prisão no Paraguai e morreu em um vilarejo.

---

<sup>4</sup> Levi, Giovanni. “El problema religioso en “el sistema” artiguista”. Em *Las instrucciones del año XIII. 200 años Después*, org. Gerardo Caetano e Ana Ribeiro, 517-536. Montevideo: Editorial Planeta, 2013.

Por que eu quero Artigas? Porque quando, de 1821 a 1824, a América Latina se organizou com tantos estados, todos fizeram uma constituição e cada constituição começava com "nossa páis, um país católico". Artigas não. É o único que, nos sete anos em que dominou o Uruguai, excluiu essa primeira coisa que todos os países latino-americanos tinham e têm até hoje: "Somos um país católico". É absurdo, mas é assim. Artigas obteve uma grande honra.

Este artigo apareceu em uma coleção, em uma compilação do ministério do presidente do Uruguai. E em um determinado momento, o vice-presidente foi à casa de Francisco, o Papa, e lhe levou este livro. Eu tenho uma fotografia do Papa com meu livro, na qual está escrito, mas ele não o leu, que não é um país católico. É o único artigo. Mas deveria terminar a história da guerra ítalo-colombiana porque trabalhei por muito tempo. E pode ser, se eu tiver paciência para voltar à Colômbia, terminar a história deste mercador de escravos marrano, que é uma história maravilhosa. É uma resposta?

Eu também conheci você (Máira), a ela (Mônica) e a Rita... Mas são mais importantes as árvores do que vocês. Porque elas são improváveis. Vocês... é compreensível que alguém coloque os sapatos, mas como é que uma planta inventa sua organização? Isso é fantástico. Eu tenho 82 plantas na minha casa. Todas latino-americanas.

- **Mônica Ribeiro de Oliveira: Então você vê o Brasil pelas plantas, pelas árvores? As árvores no Rio de Janeiro crescendo sobre os fios...**

Sou considerado o maior visitante do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Porque é mais confortável do que este aqui (Jardim Botânico da Universidade de Juiz de Fora). Porque aqui estão as plantas que crescem na Mata Atlântica. O Jardim Botânico do Rio é outra tentativa imperial. Todas as plantas do mundo. É uma coisa também maravilhosa, absurda. Todas as palmeiras do mundo. Você diz, é uma loucura, é impossível. As plantas são milhões. Mas qual é a ideia? É uma ideia que, não conscientemente, nasceu de Goethe.

Goethe fez uma viagem muito importante na Itália buscando a árvore da qual todas as árvores nasceram. E quando chega a Palermo, diz: "Eu encontrei". Isso é maravilhoso. Ele encontrou a árvore que é o pai de todas as árvores ou a mãe de todas as árvores. Isso é maravilhoso. A viagem de Goethe na Itália é uma maravilha. Acho que isso é um pouco uma questão, podemos dizer, psíquica. A ideia de que nós viemos de um princípio, não um princípio religioso. Eu acredito que cresci em uma família que é a razão de todos os meus atos. Em uma família muito empenhada culturalmente, politicamente etc. Mas a América Latina apresentou uma demanda que eu nunca havia pensado.

Porque a América Latina é diferente de todo o resto. Tirando a Amazônia, que unifica Colômbia, Equador e Peru, ela é diferente. O Chile, por exemplo, não tem nada a ver nem com a Argentina nem com o Brasil. É algo muito estranho. Também é antipático porque está cheio de alemães. Mas é algo diferente. Porém, o que unifica a América Latina é a grandiosidade. A ideia que existe uma floresta grande com 6 milhões de quilômetros quadrados, é incrível! Ou desertos que estão perto de uma grande floresta. Ou uma zona gelada.

Eu dei aulas em Río Gallegos. Quinze dias de aulas na Universidade de Río Gallegos, que é a universidade mais ao sul do mundo. Faz um frio impressionante. A neve, em vez de cair, vem com o vento. É... é demais, *è troppo*, como se diz em italiano. Tudo é demais na América Latina. Até mesmo a cabeça um pouco absurda do cérebro dos latino-americanos. É exagerada. A única semelhança é com Nápoles. Nápoles é como a América Latina. Não sei se é uma resposta.

- **Mônica Ribeiro de Oliveira: Como os convites para vir ao Brasil favoreceram a micro-história? Entendemos que ela ganhou um espaço dentro do Brasil, perceptível nas pesquisas no sul, sudeste, como também no nordeste. Mesmo diante de toda diversidade brasileira, percebe-se um avanço da micro-história.**

Sim, mas nisso eu concordo. E estou muito orgulhoso pela minha... Vossa, mas minha também, quantidade de apresentações sobre micro-história etc. Mas isso é perfeito. Por que me interessei pela América Latina, e não pela América do Norte, por exemplo? Ou pelo Canadá, que visitei a ambos, mas... O motivo é que me parecem países com potencialidades que não utilizam. Uma quantidade de energia desperdiçada em terras sem aproveitá-las. A micro-história, em nosso ofício muito limitado, me parece um esforço de renovação da historiografia em geral. Nós devemos recuperar... Me parece que, quando você pensa no que ensinam, como ensinam a história às crianças, nenhuma criança pode suportar isso, porque há dados, fatos, mas sem sabor, sem acaso etc.

E me parece que a micro-história recria a fragilidade da historiografia. Conserva a seriedade, mas declara coisas... Eu acho que ensinei em, não sei, 25 universidades diferentes do Brasil, por seis dias, por um mês, por dois meses. É que... Os estudantes, mas também o povo, têm um sentimento de inferioridade em relação aos Estados Unidos. Agora, há alguns que são contra os Estados Unidos e outros que se rendem aos Estados Unidos, mas ambos têm um sentimento de inferioridade.

A verdadeira realidade é a felicidade. Os países mais infelizes do mundo, os Estados Unidos, são considerados poderosos. Por quê? Por um motivo banal: porque nos Estados Unidos as pessoas compram tudo, têm muito dinheiro. Se você deseja um lugar, uma *villa* como esta, um

grande palácio, eles acabam comprando. Pode ser que comprem um dia ou outro, porque compram tudo, não produzem nada de bom. Compram cientistas, por exemplo, são estadunidenses, indianos, chineses, alemães, italianos.

Uma coisa que minha filha me ensinou – é que ela trabalhou cinco anos em Paris – é que na França eles apenas compram, não produzem nada, compram tudo. Em Paris, você encontra de tudo, mas nada feito na França. E então ela partiu para a Espanha, e eu acho que foi muito justo, também moralmente. Bem, minha impressão é essa: algo terrível é que os países que não são os Estados Unidos acabam, por obrigação, aplicando as regras dos Estados Unidos.

Por exemplo, eu dava aulas na Argélia, e os estudantes me disseram: “*ma beatí vol?*”, italianos, que têm a micro-história. Nós não a aprendemos, ela já está construída. Vocês devem inventar outras coisas, utilizar o que for necessário. A ciência continua se as regras forem mudadas, se for aplicado o que os outros inventaram, porque do contrário é supérfluo.

Não devemos multiplicar a micro-história de cada povo, de cada pessoa, de cada situação, porque o interessante é o método, a ideia, colocar dentro do nosso interesse aquilo que, em geral, a história apaga, cancela, e que, em vez disso, por exemplo, a literatura pode conservar com mais agilidade.

Agora, eu acho que uma das coisas que mais me perturbou no Brasil é exatamente isso, porque, como na Argélia, a melhor história do Brasil, a melhor historiografia do Brasil, é, para mim, Stuart Schwartz e John Monteiro, para falar do período moderno que eu estudo. Schwartz e Monteiro saíram dos Estados Unidos, ocuparam-se do Brasil, como americanos, não é? Isso é terrível, é uma coisa monstruosa.

Eu quero que meu neto, em vez de se deixar comprar... Agora, uma das minhas alunas foi comprada pelo Instituto Advanced Studies de Princeton, se chama Francesca Trivellato. É um grande sucesso, por quê? Mas ela, felizmente, disse: eu não suporto esse mundo, é um mundo de pessoas que esperam ser importantes, mas no final não são importantes, porque comem sempre as mesmas coisas.

Os americanos compraram Francesca Trivellato, é triste, porque ela volta a Veneza todas as vezes que pode, porque mora em Princeton. Eu passei nove meses resistindo, mas depois não consegui mais ir para Nova York. Não dava para viver dessa maneira, obsessiva etc. Agora, eu acredito que, se o meu trabalho pode ser considerado útil no Brasil, mas também na Colômbia, na Costa Rica, no Chile, na Argentina, é dizer, de alguma forma, você deve ensinar aos americanos, não nos serve ser comprados. Sempre todos serão comprados, mas é um problema difícil, porque nós temos dificuldade para trabalhar, trabalhar etc. Alemães, ingleses, menos agora, e americanos, compram com uma grande quantidade inútil de dinheiro.

Eu tenho uma amiga colombiana que teve um ano de trabalho em Bonn, na Alemanha, e esse trabalho consistia em nada, em contar o que ela fazia, especialmente em ser paga. Ela diz: “Venho quinze dias para te encontrar”, eu digo: “Você está aí para trabalhar, não para me encontrar.”, “Vou a Milão e a Paris porque quero organizar uma exposição sobre arte africana”. Ela é africanista, na verdade é historiadora das mulheres escravas na Colômbia. Mas, como resistir? Para mim, se os alemães me derem um milhão para não fazer nada, eu fico feliz. Mas o mundo cultural também é muito vicioso. Minha ideia é que meu trabalho pode ser útil aqui porque a micro-história é mais vital e menos comprável, pode-se dizer.

Todos dizem... Subrahmanyam, por exemplo, escreveu o final de um artigo em 1994, dizendo: “É um desastre. A história se ocupa de um moleiro friulano, de um exorcista piemontês... Nós devemos nos ocupar do Império Português”. Agora ele mudou de ideia. Devo dizer, graças um pouco a mim, mas especialmente graças a Ginzburg, porque Ginzburg explicou que não era assim. Mas o verdadeiro problema é que a micro-história propôs entrar em uma visão que é menos comprável e que pode ter desenvolvimento, o que é papel necessário dos jovens exercer.

Por outro lado, a história global é um desastre porque exalta o imperialismo mental, a história colonial, o colonialismo anglo-americano. E também um pouco a alemã, e também a francesa, mas a França se fragmentou um pouco. Não sei, isso é o que eu acho.

Mas eu venho ao Brasil por amor, não para ser um missionário. Venho aqui porque quero vê-lo, para ver o mundo latino-americano. É um choque, é como passar um tempo em um psicanalista.

- **Máira Vendrame:** Você já falou de que forma a sua experiência historiográfica pode inspirar os pesquisadores brasileiros. Mas em relação a este livro, *Centro e Periferia* (2024), tem algo específico que gostaria de acrescentar?

Bem, esse é o pai da micro-história. Quando escrevi esses artigos, havia a ideia da capacidade formal da historiografia, de que a historiografia deve usar métodos não quantitativos, mas formais. Eu lembro que sobre isso tive um conflito quase violento fisicamente com Carlo Ginzburg. Porque Ginzburg dizia, “Mas o que é a formalização da história? Que estúpidos são?” Mas este livro era isso. Era a ideia de que nós devemos ver coisas que não são imediatamente explícitas no documento. Os documentos não interessam a ninguém porque sempre contam histórias sem valor. Os documentos as escondem se utilizarmos métodos de elaboração.

Muito se faz, por exemplo, sobre essa invenção que é de Alexander Chayanov, mas que foi aplicada somente por mim aqui, do relatório de consumo-trabalho que nos diz a verdadeira realidade da realidade. Quem pode emigrar? Quem não pode emigrar? Qual a consequência da

emigração considerando essas simplificações? Ou, por exemplo, a demografia que estuda os casamentos etc. Estudamos os casamentos como instrumentos de mobilidade, não como quantos se casam, como se casam, como colocam os dedos nos narizes etc. Isso são loucuras porque são o que os documentos dizem, que é uma estupidez o que dizem, porque são documentos... Os historiadores têm elaborado desastres psicológicos sobre isso porque usaram a matemática para fazer coisas que os matemáticos negam. Fazemos estatísticas que não valem nada como previsibilidade etc.

Os matemáticos dizem que a matemática do porvir é qualitativa. E agora os historiadores franceses, em particular, fizeram a história quantitativa. Mas se você diz que os emigrantes são 9 milhões ou 12 milhões, vai muito bem, mas termina ali. Você deve fazer pensar o que significa o desaparecimento de 12 milhões de pessoas de um país, o aparecimento em outro país, as fadigas, todas as coisas que não estão escritas nos documentos. Podemos apenas imaginá-las, falar sobre elas, falar sobre isso.

Este livro (*Centro e Periferia*), eu aceitei que fosse traduzido, me deu um grande prazer, porque é um momento da micro-história que era baseado na ideia de que podíamos fazer uma história formal, mas capaz de se confrontar, de se medir etc. Este é o livro.

Tenho só uma dúvida... Meu título preferido seria “Estado de Centros e Periferias de um Estado absolutista”. Por quê?... Não se pode dizer de uma periferia de um Estado absoluto. A periferia, nesse sentido, é também um esforço de micro-história. Uma periferia é diferente de outra periferia, e dentro de uma periferia há tantas periferias etc.

- **Máira Vendrame: Acolheremos sua sugestão numa segunda edição do livro.**

Sim, agora mesmo já vendeu tudo, não?

- **Máira Vendrame: Sim, é um sucesso de vendas.**

Sim, sim. Delirante. Então, vamos sair, não? Cansado, sim, meio morto. Pálido como um morto.

\*\*\*

Recebida: 09 de maio de 2025

Aprovada: 09 de maio de 2025